



O “LANCHE” EM ESCOLAS RURAIS DE NOVO HAMBURGO/RS (1940-1952) NAS MEMÓRIAS DE ALUNOS E PROFESSORES

José Edimar de Souza¹

RESUMO: Lomba Grande, desde 1940 é um bairro situado no meio rural do município de Novo Hamburgo. É uma região na qual se instalaram os primeiros grupos sociais de imigrantes germânicos que começaram a chegar ao Rio Grande do Sul a partir de 1824. Com a imigração, os hábitos, valores e aspectos da cultura adquirem novos significados na nova terra. A instalação em diferentes picadas e lugarejos originaram vilas, a partir, da construção das primeiras Igrejas, cemitérios e escolas. A presença da escola, inicialmente comunitária e, posteriormente pública, possibilitou que as tradições e os costumes fossem reconstruídos diante da adversidade do meio físico e social. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é construir, mesmo que de modo inicial, representações de práticas culturais que envolvem memórias gustativas do cotidiano escolar. Sob a perspectiva teórica e metodológica da História Cultural buscou-se conhecer e compreender como aconteceu o momento da “hora da merenda”, entre 1940-1952. A empiria é constituída de memórias de oito sujeitos que foram entrevistados - professores e alunos de escolas isoladas. Estas memórias são analisadas no sentido que atribui Halbwachs (2006), que transcritas e organizadas, constituem em importantes documentos para análise. As famílias dos alunos desta comunidade rural evidenciaram elementos que eram cultivados na agricultura doméstica, produtos que eram plantados e produzidos na pequena propriedade, bem como se destaca o consumo de alimentos saudáveis. As práticas de escolarização desenvolvidas neste lugar ressaltam a construção de uma cultura alimentar, que estava presente também na escola, com a “marmelada”, a “*kässchmier*”, a paçoca e o pão de milho.

PALAVRAS-CHAVE: Merenda escolar. Memórias. Colonização Germânica.

ABSTRACT: Lomba Grande since 1940 is a neighborhood located in rural areas of the municipality of Novo Hamburgo. It is a region in which settled the first social groups of German immigrants who began to arrive in Rio Grande DO Sul from 1824. Such as immigration, customs, cultural values and aspects acquire new meanings in the new land. Installation on different paths and hamlets originated villages, from, the construction of the first churches, cemeteries and schools. The school presence, initially Community and later public, enabled the traditions and customs were reconstructed face of adversity of the physical and social environment. In this

sense, the objective of this study is to build, even if the initial mode, cultural practices involving taste memories of everyday school life. Under the theoretical and methodological perspective of Cultural History sought to know and understand how it happened the moment the "hour of lunch," between 1940-1952. The empirical consists of eight subjects of memories that were interviewed - teachers and isolated school students. These memories are analyzed in order that assigns Halbwachs (2006), who transcribed and organized, constitute important documents for review. The families of the students in this rural community show elements that were grown in domestic agriculture, products that were planted and produced in small property, as well as highlights the consumption of healthy foods! Schooling practices developed here highlights the construction of a food culture, which was also present in the school, with "marmalade", "kässchmier", brown sugar and corn bread!

KEYWORDS: School meals. Memories. German colonization.

INTRODUÇÃO

Ao estudar o cotidiano escolar, é possível perceber as práticas sobre as quais ocorre a vida das escolas tanto para indagar o passado quanto para compreender a escola no presente. Para Certeau (2011), a cultura cotidiana é permeável ao tempo e interage com o meio em que se manifesta. O tempo, um dos aspectos da cultura escolar, resulta de uma construção histórica, na acepção de Viñao Frago (1995), que o considera uma invenção humana, e que conforma noções que os seres humanos fazem do seu sentido e de seus efeitos.

Na rotina escolar, o tempo da aula é repartido de diferentes formas. Há o tempo de aprender o conteúdo, de questionar e dialogar com colegas e professores; outro tempo é aquele das brincadeiras, em que inventa-se o futuro e também existe aquele tempo de alimentar-se, o momento do lanche, parada necessária, em que se aprende princípios e diferentes posturas; do portar-se diante de um grupo diferente daquele do meio familiar. O momento do lanche ou "hora da merenda" é também um momento de aprendizagem, espaço em que a diferença possibilita consolidação de identidades de pertencimento. Nesse sentido, o objetivo deste estudo buscou construir a partir de memórias de professores e alunos aspectos das práticas cotidianas associadas à "hora da merenda", em uma localidade do município gaúcho de Novo Hamburgo/RS, entre 1940-1952.

A forma como o tempo é repartido, organizado e percebido refere-se ao modo que os grupos culturais o traduzem e interpelam o tempo na história. Mesmo que as organizações e instituições sociais dependam de uma forma mais ampla de conceber o tempo, ao criarem regras, ocupações e formas de lazer. Ou seja, modos construídos pelos sujeitos para descansar, de organizar o tempo e dimensionar suas

ações no espaço físico e social de que dispõem.

Para Gonçalves e Faria Filho (2005, p. 32), as práticas são compreendidas como processos de escolarização que integram processos culturais mais amplos; portanto, articulados a outras práticas culturais da sociedade. Desse modo, os processos de escolarização representam as práticas sociais estabelecidas pelos sujeitos em um determinado espaço e tempo.

Tendo como referencial teórico a história cultural e valendo-se da metodologia da história oral, utilizando-se de memórias transcritas e organizadas de outra maneira, como argumenta Certeau (2011); buscou-se reconstruir o que se conserva como tradição, valor, cultura, hábito alimentar patrimonialmente rememorado por este grupo social de Lomba Grande.

A "HORA DA MERENDA" NAS ESCOLAS TIRADENTES E BENTO GONÇALVES

Este estudo trata de um bairro do município gaúcho de Novo Hamburgo. É um bairro situado no meio rural e que outrora pertenceu ao município de São Leopoldo. São Leopoldo é considerado o "berço da colonização alemã" no estado do Rio Grande do Sul, e sede de importantes instâncias eclesiais de diferentes confissões religiosas. Para Gertz (2006), este aspecto enfatiza, do ponto de vista étnico e religioso, um caráter plural de constituição histórica e social dos municípios desta região.

Novo Hamburgo está situado a 40 km da capital do Estado do Rio Grande do Sul, na microrregião da Grande Porto Alegre, e compreende uma das maiores redes municipais de ensino do Vale do Rio do Sinos com aproximadamente, 26.000 alunos e 1.600 professores (ROCHA, 2012). Na Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo (RMENH) existem 76 instituições entre Educação Infantil e Ensino Fundamental até o 9 ano. Em Lomba Grande, existem sete escolas, sendo a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Tiradentes, situada no Morro dos Bois, e EMEF Bento Gonçalves, situada no Taimbé, que são Escolas Isoladas; ou seja, representam os últimos vestígios das práticas docentes multisseriadas públicas municipais.

A origem do nome desse bairro está ligada ao seu relevo que é ondulado, com muitos morros em diferentes altitudes, onde se realizavam carreiras de cavalos associada à presença dos tropeiros e da instalação de famílias luso açoriana na antiga "Faxinal do Courita" (SOUZA, 2012a). Novo Hamburgo, até 1927, era um dos mais destacados distritos de São Leopoldo, principalmente na produção coureiro calçadista. Em 1940, a área territorial de Lomba Grande foi incorporada pelo município de Novo Hamburgo. Uma das particularidades desse lugar é a existência de um

perímetro urbano, como está previsto no Plano Diretor de Novo Hamburgo, desde 1985.

O estudo aqui apresentado tem o meio rural² como contexto cujas práticas e representações locais produziram os elementos culturais que moldaram o modo como foram sendo instituídas as escolas nesta comunidade. O conceito de campo, aqui sinônimo de zona, área ou espaço rural, sustenta-se ainda no argumento de Nörnberg (2008), que o considera como um ambiente onde decorreram práticas culturais, sendo a escola uma referência que baliza identidades e pertencimentos ao lugar.

A caracterização do contexto de Lomba Grande considera os diferentes grupos sociais que contribuíram para o desenvolvimento desta região: indígenas, espanhóis, portugueses, germânicos e africanos. No século XVIII, com a ocupação europeia nas terras sulinas, a área que compreende Lomba Grande era um rincão pertencente a Fazenda Mascarenhas de posse de Inácio César Mascarenhas e registrado no distrito do Cahy, na freguesia de Triunfo, de acordo com o Censo de 1784 (FERNANDES, 2012). A implantação da Real Feitoria do Linho Cânhamo, esta propriedade passou a compor uma fazenda estatal que abastecia as tropas portuguesas que seguiam para os fortes sulinos e a Colônia dos Sacramentos. Com a criação da Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, as terras da Feitoria, ou como argumenta Gertz (2012), Feitoria Velha, passaram a pertencer a este espaço administrativo.

Durante o século XIX, a questão fundiária assume outro caráter para o Estado, o governo imperial, preocupado com o cultivo das terras e para isso, lançou mão de um projeto colonizador criando a Colônia de São Leopoldo, em 1824. De modo geral, os imigrantes vieram em busca de novas possibilidades de vida, que as velhas pátrias europeias, momentaneamente, não poderiam oferecer e trouxeram consigo hábitos e costumes, dentre eles o de frequentar escola.

Thum (2009) argumenta que os imigrantes já tinham o hábito de aprender as primeiras letras e o processo de contar. Isso fez com que as próprias comunidades criassem suas escolas. Esse hábito vem dos processos da Reforma e da Contra-reforma, marcados pelo fato de que Martinho Lutero muito se empenhou para a popularização da leitura da Bíblia. Kerber, Schemes e Prodanov (2012) acrescentam que entre as comunidades de imigrantes alemães, tanto evangélicas quanto católicas, estabeleceram-se escolas comunitárias³ em língua alemã, desde meados do século XIX até o começo do século XX. Esse aspecto favoreceu uma tradição escolar e que, de acordo com Grützmann, Dreher e Feldens (2008), fez do Estado o mais alfabetizado da Federação e, por muito tempo, significativo polo da produção de material didático, de imprensa e de literatura em língua alemã.

As duas instituições aqui estudadas representam uma ligação histórica com duas famílias de Lomba Grande. A Bento Gonçalves, na localidade do Taimbé, associa-se aos “Plentz”⁴. E quanto a Tiradentes, associa-se à família “Scherer”⁵.

Na localidade de Taimbé, situa-se a EMEF Bento Gonçalves. As Aulas dessa escola iniciaram de forma domiciliar em 5 de março de 1884, em residência particular. A escola funcionou na residência da professora Maria Marques Petry e, durante muitos anos, na da família da professora Maria Moehlecke. Desse modo, a instituição funcionou em diferentes residências no início do século XX.

Na localidade do Morro dos Bois, está situada a EMEF Tiradentes, que foi fundada em 1º de setembro de 1933, pela professora Maria Hilda, esposa de Carlos Arthur Scherer, agricultor e comerciante de um armazém de secos e molhados na localidade. A escola funcionou em uma “peça” da casa da família Scherer até 1976.

A experiência como prática vivida, que remete à concretude da experiência de um indivíduo ou de um grupo social, constitui um substrato da memória que se reelabora, constantemente, ou seja, nunca termina como argumentam Tomson (1997). As narrativas, segundo Amado (1995), retratam um cenário considerando que, ao trazer o passado até o presente, ele recria-se à luz do presente, ao mesmo tempo em que se projeta no futuro. Nesse sentido, escrevemos e dizemos o que pensamos ter vivido, o que pensamos ter sentido, o que imaginamos ter experimentado. A memória, portanto, constitui-se em uma dentre as muitas possibilidades interpretativas para se ler esta realidade investigada.

Um bairro é um espaço dinâmico em que se constroem progressivas aprendizagens estabelecidas na convivência que cada sujeito desenvolve. A ação humana em comunidade contribui para consolidar as representações identitárias no interior de um grupo. Essa prática exige “[...] uma arte de conviver com parceiros (diferentes, de diversas atividades) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição” (CERTEAU, GIARD, MAYOL, 2011, p. 39). O bairro e a localidade são “o lugar praticado”, ou seja, implica em ação dos sujeitos históricos que circulam, moram, trabalham, aprendem delimitando um percurso vivido.

A identidade se constitui ao longo do tempo, através de processos conscientes e inconscientes que estabelece cada sujeito, como argumenta Hall (2005); preenchida nas fissuras abertas nas relações estabelecidas com o “outro”, ou seja, pelas estratégias e táticas que definem uma relação de interdependência social da vida na coletividade. A identidade na sua dimensão sociológica possibilita que o indivíduo aproprie aspectos do meio social em que se encontram inserido,

valendo-se em muitos casos, das experiências que adquire nas suas formas de interagir e participar na sociedade.

Foram entrevistados oito sujeitos, entre professores e alunos. Tratando-se de um estudo histórico, que pretende dar visibilidade aos “sujeitos marginalizados”, como argumenta Almeida (2007), os mesmos consentiram pela sua identificação, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TECLE). Trata-se dos seguintes professores e alunos: Arlete Timm; Tomaz Thiesen; José Reis; Helenita Reis; João Bernardes; Clari Winck; Lucilda Thiesen; Maria Lorena Pires⁶. Nesse sentido, a memória, aqui, é entendida como uma construção social, coletiva, que depende do relacionamento, posição, papéis sociais dos sujeitos com o mundo da vida.

A memória é coletiva⁷ e, nesta memória, o indivíduo tem uma posição individual dos fatos vividos, mas ela se dá pela interação entre os membros da comunidade e as experiências vivenciadas entre eles. Portanto, há “[...] uma lógica da percepção que se impõe ao grupo e que o ajuda a compreender e a combinar todas as noções que lhe chegam do mundo exterior” (HALBWACHS, 2006, p. 61).

A partir das narrativas dos sujeitos entrevistados para este estudo foi possível identificar práticas que caracterizaram atividades econômicas em Lomba Grande, entre 1940 a 1952. No que se refere às atividades pastoris destaca-se: a criação de gado, produção leiteira, criação de porcos e galinhas e quanto ao cultivo de hortifrutigranjeira: alguns gêneros agrícolas como a cultura da mandioca, batata doce e da pera como demonstra o quadro 1 abaixo.

Quadro 1- Atividades e Hortifrutigranjeiros em Lomba Grande (1940-1952).

Batata doce
Mandioca/aipim
Acácia - carvão
Atafonas (trigo, arroz, etc.)
Venda de leite
Pera
Criação de porco
Criação de galinha

Fonte: Entrevistas (2014).

A distância das localidades em relação à região central, bem como do centro do bairro em relação ao centro da cidade exigiu uma postura diferente de convivência na localidade. Os puxirões, ou mutirões para o plantio, a cooperação entre uma família vizinha e outra nestes momentos aproximou os moradores do lugar e também constituía uma rede de trocas de mercadorias. Na ocasião da pesquisa de

mestrado, a professora Arlete Timm (2010) enfatiza que seu pai era o leiteiro e levava até o armazém algumas talhas de leite e em troca recebiam feijão, manteiga e ovos. Tomaz (2014) recordou que a família não tinha atafona, é quando era criança, levavam na residência dos Winck para fazer a farinha.

Na escola, a merenda ainda não era uma prática comum, é entre a década de 1940 a 1950, que ela se estabelecerá como política social para os escolares de Lomba Grande. O resultado das entrevistas permitiu organizar o quadro 2 abaixo, que recupera alimentos que caracterizavam o momento do lanche escolar.

Quadro 2- Merenda levada pelos alunos

Pão e <i>schmier</i>
Pão e Cucas
Pão de milho
Fruta
Marmelada
Linguiça
Geleia
Manteiga
<i>Kässchmier</i>
Leite
Garrafinha com água
Angu de milho
Ovo
Paçoca de Carne
Paçoca de farinha de mandioca e linguiça

Fonte: Entrevistas (2014).

Clari (2014) elucida o problema da merenda escolar quando resume: *“naquele tempo não tinha merenda como tem hoje. Cada um levava o seu lanche”*. No município de Novo Hamburgo algumas ações são realizadas antes de 1940, como a campanha do “tostão” (1943)⁸ cujo valor arrecadado deveria ser revertido em prol dos “menos favorecidos”. Como já se argumentou em outro estudo, Souza (2011), ações foram desenvolvidas pelo movimento das Cruzadas Nacionais que além da proposta de criação de aulas, incluía oferta de material escolar, vestimenta e alimentação.

Na década de 1940, sob motivação Estadual, a ação interna das instituições escolares, por meio dos caixas escolares, disseminou-se a proposta da “sopa escolar”. E na década de 1950 a Campanha Nacional da Merenda Escolar é constituída como

política pública articulando alimentação e outros benefícios sociais (WERLE, 2005).

As narrativas dos alunos e professores salientam que nem todos os alunos levavam merenda. Em algumas situações os professores é quem faziam pães ou compravam “cucas” - um alimento tipicamente germânico - e ofereciam aqueles alunos cujas famílias eram numerosas e os pais não possuíam condições de oferecer lanche todos os dias. Nesse sentido, José (2014) recorda que *“quem tinha merenda em casa levava. E quem não tinha, ficava sem nada, só olhando”*. Ele ainda reitera que no momento do lanche, alguns alunos costumavam aproveitar o tempo para tomar água, talvez enganar a fome, *“[...] tinha uma canequinha e uma talha de barro no canto da sala e quem tinha sede, levantava e ia lá tomar!”* (José, 2014).

Na localidade do Morro dos Bois, Clari (2013), Tomaz e Lucilda (2014), da EMEF Tiradentes, rememoram que o consumo do pão era bastante comum. O ovo também era um alimento que caracterizava a “hora da merenda”! Os alunos traziam com todo cuidado e entregam para professora. E de acordo com Tomaz (2014), a “doméstica” que trabalhava na casa da professora Hilda, que se chamava Virgínia é quem cozinha e entregava para os alunos. Além do ovo, às vezes havia um complemento, para não repetir o mesmo lanche, como enfatiza Clari (2013) *“Pedaço de linguiça quando tinha [...]”*.

Em relação à marmelada, havia uma técnica de preparo e uma época específica para produção. O cotidiano do trabalho na agricultura exigia uma organização prévia e cuidadosa. A marmelada⁹ era preparada no início do ano e consumida durante meses, como explica Tomaz (2014):

“O que a mãe fazia por essa época. Naquela época tinha muita pera. E a mãe fazia marmelo, a tal da marmelada. Aquilo ficava duro e a gente comia o ano inteiro e não estragava. Aí pegava o pão, que era o pão de milho, pegava duas fatias e botava o marmelo no meio e o cara levava lá pra comer no colégio. E a mãe fazia, às vezes, uma paçoca de carne, pra não ser sempre a mesma coisa. Farinha de mandioca, com linguiça, fica uma coisa muito boa. Então, eram essas as nossas merendas” (Tomaz, 2014).

Na localidade de Taimbé, havia um número expressivo de alunos da EMEF Bento Gonçalves que apresentavam uma realidade social de muita dificuldade econômica, as memórias são de muito trabalho e de famílias com numerosos filhos. Enquanto João, José e Helenita lembram que havia uma família que levava só o leite em uma garrafa, que servia de alimento no momento do lanche, a professora Maria Lorena (2014), de modo tímido rememora:

“Olha. Me lembro até hoje as coisas. Porque naquele tempo o pessoal não ganhava merenda. Então, tinha uma família que botava de merenda. Não sei se eu posso declarar isso aqui [ressente, pois, fala da situação de pobreza]. Mas era uma coisa muito séria aqui. Tinha uma família que levava todo dia uma panelinha de angu com leite” (Maria Lorena, 2014).

Os alunos cuja família viviam de forma “autônoma”, ou na localidade do Quilombo e Quilombo do Sul, grupo de família de origem negra, apresentavam um cardápio com poucos recursos nutritivos, os pais exerciam a profissão de “peões”, espécie de trabalhadores ocasionais, que eram contratados pelos proprietários de importantes e extensas áreas de terras. Havia alguns alunos que compreendiam o grupo social dos filhos de agregados ou funcionários dos sítios e/ou de fazendas e aqueles que representavam os pequenos proprietários, que era a grande maioria. O alimento consumido pelos alunos representava os gêneros alimentícios que as famílias cultivavam nas suas propriedades¹⁰ ou o que era produzido pelos patrões das famílias dos agregados, como relembra o aluno João (2013):

“Levava o que a gente comia em casa. Pão, ou pão de milho com geleia e manteiga ou ‘kässchmier’. Ah, eu me lembro que tinha - pois é isso aí eu me lembrei agora - [feição alegre, uma memória puxou outras memórias]. Ah, tinha um que morava lá perto e levava um litro de leite, um litro não, uma garrafinha assim [mostra com as mãos], levava leite pra tomar. E não levava açúcar. Ele dizia, mas o leite já é doce [risos]. [...] eu levava fruta, eu lembro de levar pão, rosca [...]” (João, 2013).

Para Müller (1984), a gastronomia alemã era farta¹¹. O desjejum era feito a base de café, leite e derivados, como manteiga, queijo e *kässschmier* (espécie de queijo), pão de milho, mel, *schmier* (espécie de marmelada mole), de abóbora, e, às vezes, linguiça cozida ou frita. Ao meio dia, comem salada de batata com cebola, rabanete e cebolinha em conserva, ou ainda com *sauerkraut*, também conhecido por *chukrut* (repolho cozido e fermentado), sopa de verdura ou de massa, arroz, feijão e carne assada, ou linguiça aferventada. Para o jantar café com *kässschmier*, pão, linguiça, manteiga, queijo e *schmier*.

É importante ressaltar que em Lomba Grande, o hábito alimentar dos imigrantes foi agregando outros elementos da cultura lusa e mesmo indígena, por exemplo, o consumo de milho e outros cereais da localidade. Nas refeições em família, nem sempre havia uma diversidade tão grande de alimentos, como apresenta Müller (1984). As famílias numerosas consumiam muita polenta, com algum tipo de carne, como recorda Tomaz (2014), geralmente, consumiam carne de porco e “miúdo de

boi ou de frango”¹².

A grande parte dos alunos, que passava quatro horas do dia na escola e levava cerca de uma hora deslocando-se até o local das aulas, tinha uma dieta pouco nutritiva, mesmo que alimentação fosse “mais saudável”, como rememora Lucilda (2014). Como expressam os depoimentos organizados neste estudo, alguns alunos, não se alimentavam no percurso até a escola e também não realizavam o lanche, sorte de alguns quando havia pelo caminho uma “bergamota no pé”, araçá, pitanga ou algum tipo de fruta da estação, que era possível o consumir.

As professoras e mesmo alguns alunos sensibilizavam-se com aqueles colegas cuja família era numerosa e os pais não conseguiam enviar lanche para os filhos. Esse aspecto fica evidente nos relatos de Tomaz(2014) e da professora Maria Lorena (2014), que evidenciam momentos em que havia um lanche coletivo, pois, um pai oferecia a escola uma parte do que havia colhido; porque um colega repartia com outro parte do lanche que havia trazido ou ainda porque os professores compravam com parte dos seus salários, cucas, pães, ou biscoito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A merenda escolar insere-se no âmbito das políticas de apoio ao aluno cujo objetivo é o atendimento a boa saúde de poder aprender direito. A referida autora ainda acrescenta que as práticas anteriores a década de 1940 se caracterizaram pelas políticas isoladas que emergiram de forma independente da instância federal. Desse modo, as ações locais adquiriram importância para que um programa de merenda escolar se consolidasse na segunda metade do século XX.

A rosca de polvilho, o pão de milho e/ou de trigo, a linguça, a *kässchmier*, a nata (um preparado com a gordura do leite) e a marmelada feita com frutas da estação, a paçoca, entre outros caracterizam uma prática gastronômica elaborada a partir de processos de tradução cultural. O meio físico e a convivência em comunidade favoreceram preservar e/ou constituir hábitos alimentares que refletiam em valores cultivados também na escola.

A predominância da prática agrícola se deve aos colonos germânicos que cultivavam gêneros para subsistência e de forma usual com a pequena propriedade, bem como a prática do artesanato, que levou com o passar dos anos ao surgimento de uma classe média. A economia baseada na produção hortigranjeira e pastoril, com o tempo passou a repartir espaço com o surgimento dos estabelecimentos comerciais e artesanais.

As práticas alimentares em Lomba Grande evidenciaram os modos como a

comunidade produziu e desenvolveu um patrimônio cultural local. O conhecimento das técnicas culinárias representa a manutenção de uma tradição e caracteriza identidades de pertencimento. Para Ashton e Muller (2013), a gastronomia integra a cultura de um povo, pela forma de preparo dos alimentos, o tipo de bebida que harmoniza com cada alimento e o ritual que envolveu as refeições.

As memórias possibilitaram identificar como os sujeitos se apropriaram, como operaram ações de tradução cultural, de reemprego, modos de combinar e proceder a materiais, técnicas, costumes, e a forma como inventaram produtos de uma cultura escolar alimentar. A forma de preparar os alimentos, herança das tradições culturais dos primeiros imigrantes e dos moradores nativos se transformou a partir dos aspectos que foram agregados e dos novos modos de fazer que fora empreendido. É preciso combinar aspectos climáticos, as condições físicas e a própria passagem do tempo. As práticas no prepara dos doces, na forma de preparar a farinha usada na paçoca, com as novas tecnologias construídas por esta comunidade.

As memórias do momento do lanche agregam aspectos às culturas escolares produzidas em Lomba Grande estão associadas à relação estabelecida pelos sujeitos com o meio rural, no modo como o ambiente evidenciou situações de aprendizagens. Seja abaixo de um pé de laranjeira, em uma roda de amigos, nas sobre as dúvidas do “universo escolar”, ou do “universo infantil”, descobertas que foram tecidas na convivência com diferentes experiências pessoais e familiares, e que ressaltaram uma vivência de grupo!

A cultura está na “arte de fazer” de apanhar uma fruta, na sagacidade de driblar o tempo que não possuía um ritmo determinado, como se cumpria no momento escolar, ou se vivenciava nos espaços urbanos. Cada dia havia possibilidade de se recriar práticas, de reinventar os caminhos e rotas que levavam até a escola.

NOTAS

¹ Doutor em Educação com estágio de pós-doutorado na Unisinos. Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – UCS. E-mail: jesouza1@ucs.br

² Esse conceito é entendido como espaço/lugar em que as práticas e as culturas se materializam e desenvolvem. Santos (1991) argumenta que o lugar representa um conjunto de objetos que têm autonomia própria de fenômenos que o constituem. Neste espaço os limites físicos e as condições geográficas se diluem a partir dos significados que adquirem, no âmbito das diferentes ações humanas.

³ A partir dos anos 1860, estas instituições também irão contar com a influência dos Brummers. Para Kreutz (2000, p. 163-164) “os Brummers eram combatentes contratados pelo Império para lutar na Guerra contra Rosas, da Argentina, em 1852”. Tratava-se de alemães que haviam participado estreitamente das revoluções liberais sufocadas na Europa a partir de

1848". Após a luta contra Rosas, em torno de 1.800 deles se estabeleceram no Rio Grande do Sul. Receberam este apelido Brummer porque eram questionadores, os que faziam “zunido”.

- ⁴ Paulo e Lúcia Plentz, irmão que exerceram a docência na localidade entre as décadas de 1950 a 1990.
- ⁵ A professora Elisa Scherer Nunes é a atual professora da EMEF Tiradentes, filha do professor Sérgio, neta da professora Maria Hilda e irmã da professora Márcia Scherer Nunes. Um estudo que recupera um pouco sobre a trajetória docente da família Scherer pode ser conferido em Souza (2012b).
- ⁶ Foram entrevistados seis alunos e duas professoras com idade entre setenta e cinco e oitenta e sete anos, na ocasião da entrevista (2014). O tempo médio das entrevistas foi de uma hora para cada sujeito. É importante ressaltar que o foco da entrevista centrou-se nas memórias sobre as escolas isoladas no meio rural e que as memórias sobre o momento da merenda emergem das lembranças que o espaço escolar suscitou. Os depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos e organizados em tabelas e quadros.
- ⁷ Halbwachs (2006) considera que os entrecruzamentos e as recorrências de memórias são produtoras de uma possível verdade e que se fortalece na medida em que as lembranças se multiplicam pelos membros do grupo. “O processo de lembrança está firmado em uma perspectiva centrada na subjetividade, como uma modalidade interior e privada da experiência do tempo que se constrói a partir da interação entre as pessoas [...]” (HARRES, 2004, p. 152).
- ⁸ Conforme publicado no Jornal O 5 de Abril, de 1º de outubro de 1943. Nesse sentido, é pertinente ressaltar que não havia ainda uma política pública para a merenda escolar em Lomba Grande. As campanhas podem ser aqui entendidas como uma ação isolada das políticas assistencialistas e populares deste período.
- ⁹ Foi a forma encontrada por Tomaz para traduzir uma apropriação cultural que a comunidade realizou. Embora a marmelada fosse de marmelo, os doces feitos com as frutas da localidade, eram chamados pelos moradores deste lugar de “marmelada de pera”; “marmelada de goiaba”, ou goiabada, etc.
- ¹⁰ Embora não exista uma literatura específica sobre a localidade, Dreher (2011, p. 43) argumenta que na região de São Leopoldo e Novo Hamburgo até a década de 1940 era cultivado “[...] milho, feijão, arroz, trigo, centeio, batata, aipim, mandioca, cana de açúcar, frutas”. E o plantio de matas de eucalipto e acácia negra. Quanto ao destaque no setor agro econômico se estruturava pelas relações comerciais artesanais e a incipiente indústria coureiro calçadista que se desenvolvia.
- ¹¹ Para Ashton e Muller (2013), os hábitos alimentares ainda são cultivados pelos descendentes de imigrantes alemães, porém, alguns itens da gastronomia já foram adaptados. Entre os itens alimentares indispensáveis no dia a dia estão o pão preto, cucas, schmier, queijos e requeijão, linguiça, conservas, defumados, nata, carne de porco, entre outros.
- ¹² Pequenas vísceras de animais, moela, fígado, etc.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *Memórias da rural*: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960). 2007. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) —

Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, SP, n. 14, p. 125-136, 1995. (Projeto História).

ASHTON, Mary Sandra Guerra; MULLER, Ana Cristina. A presença da gastronomia alemã na hotelaria de Novo Hamburgo/RS. *Revista Rosa dos Ventos*. v. 5, n. 2, abr. jun. 2013., p. 319-332. Acesso em: 2 out. 2014. Disponível em: <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/.../1675/1277>. Acesso em: 10 nov. 2014.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes, Revisão técnica de Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DREHER, Martin Norberto. O desenvolvimento econômico no Vale do Rio do Sinos. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. *Pelos caminhos da Rua Grande*. História(s) da São Leopoldo republicana. São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 43-54.

FERNANDES, Doris Rejane. Costa da Serra no Império. In: FERNANDES, Evandro; NEUMANN Rosane Marcia; WEBER, Roswithia. *Imigração: diálogos e novas abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p., 38-47.

GERTZ, René. A câmara de vereadores de São Leopoldo de 1846 a 1937. In: SILVA, Haiké Roselane Kleber da; HARRES, Marluza Marques. *A história da Câmara na história*. São Leopoldo: Oikos, 2006, p. 56-71.

_____. Conflitos intraétnicos em uma região de colonização alemã: o processo de emancipação de Novo Hamburgo. In: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane; WEBER, Roswithia (Org.). *Imigração: diálogos e novas abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 48-60.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.). *A cultura escolar em destaque: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 31-58.

GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. *Imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. *História UNISINOS*, São Leopoldo, v. 8, n. 10, p. 143-156, jul./dez.

KERBER, Alexander; SCHEMES, Claudia; PRODANOV, Cleber Cristiano. Memórias das práticas

educativas durante o primeiro governo Vargas na cidade de Novo Hamburgo – RS. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 139-170, maio/ago. 2012.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 159 – 177, set.-dez. 2000.

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã, 160 anos de história*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

NÖRNBERG, Nara Eunice. *Aprendiz de professor de borboletas no espaço/tempo da memória: (re)compondo trajetórias de docentes na educação rural*. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

ROCHA, Silvio. (Org.). *Escola cidadã em Novo Hamburgo: participação, qualidade e aprendizagem*. Novo Hamburgo: Prefeitura Municipal, 2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SOUZA, José Edimar de. *Memórias de professores: histórias de ensino em Novo Hamburgo/RS (1940-2009)*. Porto Alegre: Evangraf, 2012a.

SOUZA, José Edimar de. O magistério e a tradição de família: história de professores de classes multisseriadas - Novo Hamburgo/RS (1940-2009). *Revista Didática Sistemica*, Rio Grande, v. 14, n. 1, 2012b. p. 54- 69. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Win%20XP/Meus%20documentos/Downloads/2537-7965-1-PB.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2013.

SOUZA, José Edimar de. *Trajetoórias de professores de classes multisseriadas: memórias do Ensino Rural em Novo Hamburgo/RS (1940 a 2009)*. 2011. 344 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2011

THUM, Carmo. *Educação, História e Memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes*. 2009. 383 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2009.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural. Posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, [S.l.], n. 0, p. 63-82, set.-dez. 1995.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. *O nacional e o local: ingerência e permeabilidade na educação brasileira*. Bagança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2005.m